

## DIA INTERNACIONAL DO LIVRO INFANTIL



Em 1967, o International Board on Books for Young People – IBBY escolheu o aniversário do escritor dinamarquês Hans Christian Andersen, dia dois de abril, para celebrar também o Dia Internacional do Livro Infantil – DILI.

Desde então, como parte das comemorações pelo DILI, uma seção nacional do IBBY se candidata para criar a mensagem e ilustração que será divulgada pelas seções em seus países, buscando chamar a atenção para a importância da literatura infantil na formação de leitores.

A mensagem desse ano veio dos Emirados Árabes Unidos, cuja seção IBBY foi instituída em 2009.

A escritora Marwa Al Aqroubi e a ilustradora Nasim Abaeian, selecionadas para a criação do texto e imagem da mensagem, não têm livros publicados no Brasil e a divulgação de seu trabalho para o DILI traz uma ótima oportunidade para os editores brasileiros conhecerem os autores dos Emirados Árabes Unidos, promovendo assim países pouco conhecidos aqui.

Como todos os anos, a edição de janeiro do *Notícias FNLIJ* abre com a mensagem do DILI, compartilhando a missão de levar o livro e a leitura para todas as crianças e jovens com o apoio das famílias e profissionais ligados ao exercício de promover a LIJ.

Continuação na próxima página.

PÁGINA 6  
I Encontro de  
Pesquisa em  
Bibliotecas Públicas

PÁGINAS 7-9  
IV Seminário Ler  
Literatura – Lelit/  
UFOPA

SUPLEMENTO 47  
*Meu Continente, na  
Ilha de Robinson,*  
texto de Nilma  
Lacerda

## O tema

A diversidade cultural e o imaginário contidos na literatura infantil e juvenil foram as propostas para a mensagem do DILI este ano. Em *Muitas Culturas Uma História*, os personagens tradicionais das histórias infantis mostram como a literatura trata de questões universais em qualquer país, apresentando a cultura árabe às crianças.

## UAE IBBY

A seção nacional IBBY dos Emirados Árabes Unidos – UAE IBBY foi criada após o pedido de adesão do país ser aprovado por unanimidade pelo IBBY, sendo anunciada oficialmente em outubro de 2009. Os Emirados Árabes Unidos são formados por uma confederação de monarquias árabes soberanas, situadas no sudeste da Península Arábica, na fronteira com Omã e com a Arábia Saudita. Os sete emirados são Abu Dhabi, Dubai, Sharjah, Ajman, Umm al-Quwain, Ras al-Khaimah e Fujairah. Abu Dhabi, segunda maior cidade do país, é a capital.

A inclusão dos Emirados Árabes Unidos amplia ainda mais o alcance da

LII, trazendo uma rica cultura para troca de experiências e livros entre as seções IBBY.

## Marwa Obaid Rashid Al Aqroubi

Marwa Obaid Rashid Al Aqroubi é uma das figuras proeminentes na indústria do livro infantil nos Emirados Árabes Unidos e ocupa o cargo de Presidente da Diretoria Executiva da seção do IBBY nos Emirados Árabes (UAEIBBY), uma das principais organizações envolvidas com a promoção da cultura das crianças, fomentando a leitura e incentivando os profissionais da indústria do livro a desenvolver seu trabalho. Aqroubi contribui significativamente para promover o prêmio Etisalat de Literatura Árabe para Crianças, criado em 2009 e uma dos maiores e mais importante premiações do gênero, além do *Ler, Sonhar, Criar: campanha de incentivo à leitura* – lançada pela UAEIBBY para apoiar as habilidades das crianças de ler, escrever e serem criativas. Como parte da iniciativa, ela participa frequentemente de sessões de leitura para crianças com o objetivo de fortalecer o interesse por livros.

No nível cultural internacional, ela é membro do Comitê de Conselheiros do fundo Sharjah-IBBY, e também compartilha dos objetivos de apoiar a criação de uma cultura de leitura e fornecer livros para crianças que as vidas foram interrompidas pela guerra, desordem civil ou desastres naturais na região da Ásia Central e Norte da África. Ela recentemente participou de uma visita em maior escala organizada pelo emirado de Sharjah ao campo de refugiados dos Emirados da Jordânia, em apoio a filhos de refugiados sírios, e estava envolvida na inauguração da biblioteca *Grande coração*, para as crianças do refúgio.

Al Aqroubi concluiu seu bacharelado em Ciências da Informação da Universidade Zayed, em Dubai e ocupou o cargo de gerente de desenvolvimento de negócios do escritório executivo de Sheikha Bodour bint Sultan Al Qasimi. Desde a publicação de seu primeiro livro *Ahmed El Helou* (Doce Ahmed), no qual ela embarca em uma jornada para explorar o patrimônio cultural e as tradições dos Emirados Árabes. O universo de escrever livros para

# MUITAS CULTURAS UMA HISTÓRIA

POR MARWA AL AQROUBI

“Falamos muitas línguas e temos diferentes origens, e ainda partilhamos das mesmas histórias.”

Histórias internacionais... histórias folclóricas

É a mesma história contada para todos nós

Em diversas vozes

Em diversas cores

Ainda permanece inalterada...

Começo...

Enredo...

E Final...

Ainda a mesma história que conhecemos & amamos

Escutamos todos ela

Em diversas versões por diversas vozes

Permanece ainda inalterada

Há um herói... uma princesa... & um vilão

Não importa suas línguas

Seus nomes

Ou suas faces

É sempre a mesma

Começando,

Enveredando,

E Finalizando

Sempre tal herói... tal princesa e

tal vilão

Inalterada através dos séculos

Nos mantém acompanhados

Nos sussurram em sonhos

Nos embalando para dormir

Suas vozes foram longe

Mas ela vive em nossos corações para sempre

Para nos unir em um lugar

de mistério e fantasia

Logo então todas diversas culturas se fundem em

Uma História

Tradução: Elisa Tauáçurê

crianças e promover sua cultura tornou-se seu primeiro interesse.

#### Nasim Abaeian

Nascida em 1980 em Isfahan, Irã, Nasim passou a infância e teve o ensino fundamental em Genova, Itália, em um meio artístico cheio de inspiração. Em 2003 ela se formou bacharel em Comunicação Visual pela Universidade Americana de Sharjah e logo foi para os Estados Unidos terminar um mestrado em ilustração no *Savannah College of Art and Design*.

Atualmente, Nasim faz parte do corpo docente do departamento de Arte e Design da universidade de Zayed e trabalha como ilustradora *freelance* de livros para crianças.



A escritora Marwa Obaid Rashid Al Aqroubi.



Nasim Abaeian, ilustradora.

## Karen Acioly organiza // Catálogo Livre Cultura Infância e Carta do Rio

A dramaturga Karen Acioly, autora de livros para crianças voltados para o teatro e vencedora várias vezes do Prêmio FNLIJ Teatro, tendo recebido em 2014 o Hors-Concours nessa categoria, conseguiu uma grande vitória na área da defesa de espaços culturais para a infância. Com apoio de um grupo de profissionais da sociedade civil, de reconhecida atuação na área, foi apresentada oficialmente a *Carta do Rio* ao Ministério da Cultura, documento que contém propostas para a inclusão no Plano Nacional de Cultura, de uma política pública voltada unicamente para infância.

As propostas da *Carta do Rio* foram apresentadas ao Conselho Nacional de Política Cultural (CNPC) divididas em quatro eixos temáticos: tempo, espaço, linguagem e educação para

o desenvolvimento da Cultura da Infância. Karen também organizou o *II Catálogo Livre Cultura Infância*, publicado pela editora Ao Livro Técnico, com patrocínio da Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro. O catálogo pretende aprimorar o significado do que é a cultura para infância, com destaque para a apresentação oficial ao Ministério da Cultura. A FNLIJ recebeu o catálogo, que está disponível na biblioteca da entidade.

A Carta do Rio foi cadastrada no Ministério da Cultura no dia 30 de setembro e aguarda a aprovação do pedido de inclusão de três metas na revisão do Plano Nacional de Cultura.

A FNLIJ, comprometida pelo direito das crianças às artes, apoia o movimento liderado por Karen Acioly.



# 13º Concurso FNLIJ Leia Comigo

O concurso é direcionado a adultos, pais, professores e educadores que queiram relatar uma experiência bem sucedida com a leitura de livros de literatura dirigida a crianças e adolescentes. Iniciado em 2002, o concurso é dividido em duas categorias: relato real, com a apresentação da leitura compartilhada entre adultos e crianças e/ou jovens e relato ficcional, cujo tema seja uma situação de leitura compartilhada.

A FNLIJ tem como uma de suas missões incentivar nas famílias o interesse pela leitura, acreditando que o adulto é, efetivamente, o mediador desse interesse da criança e do jovem pelos livros.

Podem se inscrever adultos que tenham uma experiência realizada com a promoção da leitura ou que criem um relato de ficção, cujo assunto principal seja a leitura compartilhada.



Era o meu último ano com a turma do meu coração. Cheguei para eles como uma intrusa há três anos, em substituição à sua professora, que acabara de se aposentar. O encontro não foi fácil, mas eu tinha um jeito de encontrar o coração deles: os livros. Eu tentei dar a eles o que eu tinha de melhor: uma espécie de segunda visão sobre a realidade, o poder mágico de enxergar nas entrelinhas, o prazer de estar sozinho e acompanhado ao mesmo tempo, eu quis dar a eles Literatura. No começo as histórias vieram dos livros ilustrados, que como diz Graça Lima, são uma espécie de ritual iniciatório para os pequenos leitores, eles que, estimulam o olhar da criança, desenvolvem sua percepção e facilitam a comunicação do leitor com o mundo lá fora, ajudaram-me a estabelecer uma ponte com meus alunos. As aulas seguiram, as leituras e os livros também ... Em pouco tempo, passamos da relação de professora e alunos. Nos tomamos parceiros e amigos. A leitura não era obrigação na nossa sala de aula, era esperada e aguardada como uma velha amiga. Passamos então a estágios novos ao longo do tempo. Afinal são três anos de convivência. Houve um processo natural de confronto entre os livros lidos, as histórias ouvidas e discutidas ... Percebi então que meus alunos estavam crescendo não só na idade, mas também na visão de mundo. Percebi que eles viam e construíam sentidos nas obras que líamos juntos ... Isso foi mágico e ao mesmo tempo assustador, pois percebi que meu tempo com eles estava chegando ao final. Breve eles teriam que deixar a escola, e a minha vida ... Foi assim que esbarrei por acaso (ou não) com *O Diário de*

A cerimônia de entrega dos prêmios de 2014 foi realizada no 16º Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens e os vencedores do 13º Concurso FNLIJ Leia Comigo receberam um acervo de livros de literatura para crianças e jovens, doado pela FNLIJ e seus textos são publicados no jornal *Notícias* da FNLIJ. Nesta edição não houve vencedores na categoria relato ficcional.

Os vencedores do 13º Concurso FNLIJ Leia Comigo da categoria relato real são Leitura Partilhada: Anne Frank, a história que não teve um ponto final, de Alessandra Firmo da Silva Santos, do Rio de Janeiro e Mar de Poesia, de Simone de Queiroz Pinho, do Rio de Janeiro, que publicamos a seguir. Alessandra já venceu em edições anteriores, uma vez que os candidatos se inscrevem usando pseudônimos e o júri não conhece o verdadeiro nome do concorrente.

## Leitura Partilhada: Anne Frank, a história que não teve um ponto final

ALESSANDRA FIRMO DA SILVA SANTOS | RIO DE JANEIRO

*Anne Frank*, numa arrumação... E pensei: *Será?* Claro que um livro daquele tamanho não poderia ser lido em uma aula, ou de uma vez. Foi lido aos poucos, algumas páginas por dia, perguntas surgiram sobre sua vida pessoal e família e tantas coisas mais... A história era tão comum a eles: Uma menina escrevendo num diário: *Vou começar a partir do momento que ganhei você, quando o vi na mesa, no meio dos meus outros presentes de aniversário...* Anne passou a dizer coisas diferentes, para adolescentes diferentes, e ao mesmo tempo coisas iguais a adolescentes iguais a ela, com sonhos e projetos de vida ... Eles foram apanhados por Anne. Passaram a viver com ela naquele sótão. Eles sentiram a angústia de Anne, no lugar que era ao mesmo tempo sua prisão e seu refúgio. Muitos dos meus alunos não acreditaram que uma menina de 13 anos pudesse ter escrito daquela forma tão intensa. Para dizer a verdade, foi a mesma reação que eu tive, quando li o livro há alguns anos. Indiscutível qualidade literária, de uma adolescente se transformando em mulher num período tão crítico da sociedade ao seu redor. O diálogo da turma com a obra foi impressionante! ELA poderia ser eles, ELA foi eles, e mexeu pessoalmente com cada um deles de maneiras diferentes e particulares, ao longo das leituras que fazíamos.

O mundo perdeu pessoas maravilhosas com o Holocausto, pessoas que como Anne não puderam dizer para o mundo quem elas eram ... Mas Anne contou ...

A história de Anne não terminou com o ponto final do livro. Eu espero que a minha história com eles, também não ...

# Mar de Poesia

SIMONE DE QUEIROZ PINHO | RIO DE JANEIRO

Em meados de abril do ano de 2013, apresentei às turmas de 6º ano da escola em que trabalho, uma animação chamada *A Unha do dedão do pé do fim do mundo* construída com poemas de Manoel de Barros, um desconhecido, até então, para os alunos. Mal sabia eu que nascia aí um mar de poemas que invadiria toda a escola. A exploração tímida da animação foi tomando proporções de discussão, envolvendo até professores em outras aulas. Diante desse cenário, foi lançada a proposta de, antes de iniciarmos nossa roda semanal de leitura de mitos, lêssemos em grupo um ou dois poemas trazidos por mim ou por eles.

Compromisso firmado entre turma e professora, tínhamos, portanto, às sextas-feiras, um encontro não só com a leitura de narrativas mitológicas, mas também com a poesia.

Após Manoel de Barros compartilhamos Eucanaã Ferraz: *O Bicho de sete cabeças e outros animais fantásticos* numa tentativa de aproveitar a roda dos mitos que estava em andamento.

Por alguns meses ainda coube a mim, a professora, a seleção dos poemas e, nesse ínterim, autores como: José Paulo Paes, *Lé com cré*, Yone Rodrigues, *Namorados*, Paulo Leminski, *O ex estranho*, Carlos Queiroz Telles, *Sementes de sol*, Mario Quintana, *Eu passarinho*, Ana Cristina Cesar, *Poesia marginal* foram levados até os alunos.

A conversa puxada pela leitura compartilhada dos poemas crescia e a mudez habitual causada em parte pela timidez e em outra, pela carência do próprio hábito de leitura de poemas, foi cedendo espaço a uma grande discussão que não mais se restringia ao ambiente da sala de aula, invadia corredores, contaminava outras turmas e professores.

No mês seguinte, já quase não era possível à professora ofertar poetas ou poemas, pois os alunos haviam sido *picados* pela poesia e sem qualquer solicitação por parte dos docentes, já selecionavam por conta própria não só os poemas, mas também autores, tornando a leitura antes tímida agora forte, unificada.

A apresentação de poemas tornou-se tão necessária que não mais esperavam a hora das aulas, abordavam os professores na entrada da escola, corredores, na mídia digital (Facebook), no intuito de garantirem que o livro correspondente ao poema por eles escolhido estivesse à disposição da turma logo no início das aulas e não emprestado com alguém.

Cabe aí uma explicação: o poema poderia vir de casa numa folha de caderno, porém a apresentação em público, em turma, exigia o livro que o continha para que todos compartilhassem a leitura. Garantindo assim que a fonte bibliográfica ficasse acessível aos demais alunos.



A discussão antes iniciada e mantida pelos professores envolvidos cedia espaço a outros mediadores, agora eram os próprios alunos que se incumbiam da tarefa dando suas impressões, opiniões sobre o que estava sendo lido, ouvido, sentido.

A título de registro, cito alguns momentos significativos do projeto de leitura compartilhada denominado *Mar de Poesia*. Um está associado ao dia em que um aluno desprestigiado pela turma e até mesmo desacreditado por alguns professores por apresentar baixo desempenho ou desinteresse nas atividades propostas, após pesquisa individual realizada *a partir de si mesmo*, de desejo próprio, selecionou, apresentou e participou ativamente da discussão sobre o poema *O Bicho* de Manuel Bandeira. Outro momento de destaque foi a exigência feita por um grupo de alunos de que a poesia fizesse parte de todos os eventos da escola, inclusive da festa junina.

Aproveitando as manifestações sociais ocorridas no mês de junho e já sentindo a necessidade de aliar a poesia, a literatura à suas próprias vidas, à realidade vivida, sentida, ou melhor, sofrida por eles, autores como Bertold Brecht com *Poemas 1913-1956*, Ricardo Azevedo com *Bala perdida* e Rildo Pereira da Silva em *Tropicaos* saíram das rodas de leitura, ganharam força nas apresentações criadas, ensaiadas e reproduzidas pelos alunos não só do sexto ano, mas também do sétimo e oitavo.

Os textos de poetas conhecidos como Vinícius de Moraes e dos nossos desconhecidos alunos *escapam*, ainda hoje, das paredes da sala de aula e se espalham pela escola. E, quando digo espalhados é porque os murais e corredores são pequenos havendo necessidade de ocupar espaços como portas, armários, tetos e ambientes distintos da tão desgastada sala de aula, como refeitório, pátio e até mesmo os banheiros.

Seja na escola, nas páginas da mídia social, *interrompendo* uma aula de qualquer disciplina, pelos corredores ou ao pé do ouvido de um professor, ainda hoje é possível identificar aquela semente lançada lá trás, no início de 2013, numa roda de leitura compartilhada que acabou, ou melhor, que começou a inundar nossa *vidinha* escolar.

movimento por um Brasil literário

*m*Brasil*lit*

Acesse [www.brasilliterario.org.br](http://www.brasilliterario.org.br) e saiba mais



QUERO MINHA  
BIBLIOTECA

Acesse [www.euquerominhabiblioteca.org.br](http://www.euquerominhabiblioteca.org.br)

# I Encontro de Pesquisa em Bibliotecas Públicas: Reflexões e Práticas Metodológicas

Um importante espaço de discussão foi iniciado dia 24 de novembro, com o *I Encontro de Pesquisa em Bibliotecas Públicas: Reflexões e Práticas Metodológicas*, no auditório da Fundação Biblioteca Nacional, no centro do Rio de Janeiro. O encontro buscou reunir profissionais da área para fomentar discussões sobre as pesquisas em torno das bibliotecas públicas no Brasil.

A vinda ao Brasil da colombiana Silvia Castrillón, especialista em políticas públicas envolvendo a leitura e a escrita, para o *7º Seminário Internacional de Bibliotecas Públicas e Comunitárias* em São Paulo; possibilitou o convite da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ para sua vinda ao Rio de Janeiro. A Fundação entrou em contato com Elisa Machado, Coordenadora Geral do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP) da Fundação Biblioteca Nacional (FBN), a fim de organizar um evento com a presença de Silvia. Elisa indicou o Grupo de Pesquisa Biblioteca Pública no Brasil: reflexão e prática, que, junto com a FNLIJ e o Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia – UNIRIO, realizaram o *I Encontro de Pesquisa em Bibliotecas Públicas: Reflexões e Práticas Metodológicas*.

Contando com o apoio da Fundação Biblioteca Nacional – FBN, que tem um histórico de parceria com a FNLIJ, o evento trouxe a oportunidade de aproximar a teoria da prática, unir a investigação acadêmica à atividade dos profissionais envolvidos com a biblioteca pública.

A mesa de abertura foi formada por Renato Lessa, presidente da Fundação Biblioteca Nacional, Prof. Dr. Alberto Calil Junior, do GPPB/PPGB – UNIRIO, Profa. Dra. Naira C. da Silveira, EB/DEPB – UNIRIO, Elizabeth Serra, da FNLIJ e Lucia Lino, do Conselho Regional de Biblioteconomia, 7ª região. Renato Lessa considerou excelente a ideia da discussão em torno da biblioteca pública, abrindo as portas da sua instituição. *Sempre quis transformar a Biblioteca Nacional em lugar de reflexão e de convergência multidisciplinar*, declarou. Elizabeth Serra falou da importância de

unir educadores e bibliotecários para discutir o papel da biblioteca na cultura escrita. *Esse primeiro encontro é o início de uma longa caminhada.*

A palestra inicial foi de Silvia Castrillón, que apresentou um diagnóstico realizado por um grupo de estudo sobre as bibliotecas de Bogotá, listando os sucessos e desafios na palestra *Acertos e desacertos das bibliotecas públicas colombianas: alguns resultados de pesquisa sobre as bibliotecas de Bogotá*. A especialista ressaltou que falta uma investigação vinda das universidades, em diálogo com as bibliotecas públicas. *O que nós propomos é que este trabalho de promoção de leitura deveria ser uma escola de formação e um espaço de investigação. Ao mesmo tempo em que as práticas de leitura e escrita estão sendo realizadas, são também analisadas. Para isso é importante o trabalho em conjunto dos bibliotecários com os professores das universidades*, destacou Silvia.

Em seguida, o Prof. Alberto Calil Junior falou sobre os objetivos e ações do Grupo de Pesquisa *Biblioteca Pública no Brasil: reflexão e prática*. Na segunda parte do evento teve lugar a mesa redonda *Metodologia da Pesquisa em Biblioteconomia Pública*, mediada por Daniele Achilles, também membro do GPPB/UNIRIO, onde o professor Fabrício Silveira (UFMG) apresentou *História oral e memórias de vida: recursos metodológicos para se aprender a importância social das bibliotecas públicas*; Ana Lúcia Medeiros (Fundação Casa de Rui Barbosa), falou sobre *Biblioteca e comunidade: a visão de pesquisadores e de administradores*; Fabíola Farias (UFMG) proferiu a palestra *A Biblioteca pública e seus discursos* e Fabiano Cataldo (UNIRIO), falou sobre *As pontas e os caminhos da pesquisa documental*.

O evento se encerrou com o compromisso de todos os participantes para o aprofundamento da relação entre o grupo de pesquisa e a sociedade civil com seus diversos representantes, dentre os quais a FNLIJ. Existe a proposta que esse encontro resulte em uma publicação.



Fabrício Silveira, Daniele Achilles, Alberto Calil Junior, Fabíola Farias, Elizabeth Serra, Silvia Castrillón, Fabiano Cataldo, Naira C. da Silveira e Ana Lúcia Medeiros.

# IV Seminário Ler Literatura – Lelit/UFOPA



Nilma Lacerda, Maria das Graças Monteiro de Castro, Norma Sandra Ferreira de Almeida, Luiz Percival Leme Brito, Elizabeth Serra e Fabíola Farias.

O seminário do Lelit – *Ler Literatura, viver e aprender*, em sua 4ª edição, se firma como pioneiro na região oeste do Pará, na cidade de Santarém. O evento foi criado por Luiz Percival Leme Britto, que levou para a Universidade Federal do Oeste do Pará-UFOPA, onde atua como professor na área de Educação desde 2010, o compromisso de formação de leitores com foco na literatura como expressão de arte, bem como o debate sobre a prática da leitura na formação de todos os professores.

O evento, que este ano teve como subtema a Literatura Infantil na Escola, é realizado pelo Lelit - *Grupo de leitura, pesquisa e intervenção em Leitura e Literatura na escola*, da UFOPA – coordenado pelos professores Luiz Percival Leme Britto e Zair Henrique Santos.

Luiz Percival é votante do prêmio de literatura infantil e juvenil da FNLIJ desde 2011. O acervo de livros recebidos dos editores, como votante da FNLIJ, motivou-o a inaugurar, na própria universidade, a Biblioteca Bartolomeu Campos de Queirós, que se tornou a base de leitura e estudo dos seus alunos, constituindo-se hoje uma referência na região.

A cerimônia de abertura do IV Lelit contou com a presença do vice-reitor da UFOPA, Anselmo Colares e de Elizabeth Serra, representando a FNLIJ, parceira no evento. A conferência de abertura foi proferida pela escritora e professora da Universidade Federal Fluminense – UFF, Nilma Lacerda, que, inspirada pelo tema *As imagens que o texto faz; os textos que a imagem faz*, apresentou seu texto *Meu continente, na Ilha de Robinson – Imagens fundadoras no texto de Daniel Defoe*, que temos a honra de partilhar com os leitores do *Notícias*, cedido gentilmente pela autora e pela coordenação do Lelit.

Como parte da programação, aconteceram os mini-cursos *Leituras na alfabetização: formadores de língua portuguesa e Leituras na alfabetização*, com formadores de língua portuguesa Pnaic (Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa)/Ufopa.

## Lelit – Ler Literatura, viver e aprender

O Grupo de estudo, *leitura e intervenção em literatura infanto-juvenil na escola - Lelit/Ufopa* desenvolve, desde 2011, atividades de formação de leitores, educação linguística e ações de recuperação e dinamização de bibliotecas escolares. Ademais, assume-se como núcleo local do Movimento por um Brasil Literário – MBL.

A equipe é formada por dois coordenadores responsáveis pela organização dos encontros de formação, cinco monitores responsáveis pela sistematização do clube de leitores, formação e oficinas de leitura, trinta professores das escolas municipais e vinte acadêmicos dos cursos de licenciaturas da Ufopa que atuam diretamente nas formações continuada.

Os objetivos do grupo são:

1. Estabelecer na prática escolar referenciais de formação intelectual, estética e ética;
2. Promover a experiência literária na perspectiva de transcendência do cotidiano e do imediatismo;
3. Associar, à prática da leitura literária, o pensamento especulativo e criativo;
4. Formar agentes culturais – professores e estudantes – capazes de atuar com crítica e criatividade na formação cidadã.
5. Estimular a organização de acervos pessoais de leitura;
6. Estimular a proliferação de espaços de partilha literária nas escolas e em outros espaços.



Luiz Percival Brito.



Nilma Lacerda.

## Luiz Percival Brito

Como membro do Conselho Deliberativo do Movimento por um Brasil Literário, suas contribuições têm enriquecido os debates sobre o sentido da leitura e da literatura.

Mestre e doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas, atua na área de Educação e Linguagem desde 1982, como pesquisador, professor e formador de professores. Participou da equipe de coordenação nacional do Proler (1988-2001). Foi presidente na Associação de Leitura do Brasil – ALB, de 1993 a 2006, quando criou vários seminários temáticos, um dos quais o Seminário de Literatura Infantil e Juvenil que ficou a cargo da FNLIJ até o ano de 2010.

Em 2010, Percival prestou concurso para ser professor do Programa de Educação UFOPA e, além da docência, exerce atualmente os cargos de Diretor de Ensino e Coordenador do Programa Nacional pela Alfabetização na Idade Certa Pnaic/UFOPA.

Compondo o espaço dos jogos de leitura, foram realizadas *Leitura na alfabetização*, conduzidas por monitores do Lelit e a palestra – *Jogos de leitura e ensino*, proferida pelo professor Washington Luiz dos Santos Abreu.

Sob o tema *A leitura incomodada: leitores de que, leitores para quê?* Elizabeth Serra e Norma Sandra Ferreira de Almeida, da Universidade Estadual de Campinas, apresentaram palestras.

As votantes da FNLIJ, Fabíola Farias, mestranda da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG e Maria das Graças Monteiro Castro, professora da Universidade Federal de Goiás – UFG trouxeram suas reflexões sobre o tema *A biblioteca, a escola, o leitor*.

Em sua fala, Elizabeth Serra fez comentários sobre a experiência da FNLIJ no campo de leitura, tendo como base o aprendizado com escritores, especialistas, instituições e governos. A importância da cultura escrita em nossa sociedade e para cada cidadão em particular foram abordadas. Ressaltou a palestrante o papel da biblioteca da escola, como lugar de formação e da biblioteca pública – onde o leitor deve encontrar as condições para manter o convívio com a leitura foi reforçada, assim como a importância da literatura desde a alfabetização. *Não importa tanto o método de alfabetização, mas a concepção que fundamenta a prática do professor. A qualidade da continuidade do processo de leitura e escrita iniciado na alfabetização, que há duas décadas,*



Sarau Literário Bartolomeu Campos de Queirós.





Fabiola Farias.



Norma Sandra Ferreira de Almeida.



Maria das Graças Monteiro Castro.

*aproximadamente, passamos a chamar de letramento, é que vai construir uma relação significativa, profícua, provocativa e de intimidade com o texto escrito.*

### Cinco anos de UFOPA

Durante a semana do Lelit também se realizaram diversas atividades para a comemoração dos cinco anos da UFOPA. No III Sarau Literário Bartolomeu Campos de Queirós professores, estudantes e artistas, declamaram poesias de autoria própria e de autores renomados, como o homenageado escritor mineiro Bartolomeu Campos de Queirós e a escritora Lygia Bojunga. *Tem uma coisa muito interessante que é a gente se expor em público, dizer-nos, mostrar-nos, querermos partilhar por meio da estética, por meio da arte essa condição de viver*, afirmou o diretor de Ensino, Luiz Percival, ao abrir a noite de comemoração.

A UFOPA foi criada em 2009, a partir da incorporação das unidades da Universidade Federal do Pará e da Universidade Federal Rural da Amazônia, assistindo a região oeste do estado. *A instalação da UFOPA é um marco e podemos até considerar um divisor na história de Santarém e da região. Eu vejo que a universidade representa oportunidades para as pessoas, representa a possibilidade de conquistas, de realização de sonhos, de convívio das diferenças, de treino para o confronto de ideias*, declarou o vice-reitor Anselmo Colares.



Público

## Impressão do Lelit

A seguir, reproduzimos o depoimento Adriano Lucas da Silva Carvalho, participante de todos os seminários do Lelit:

*Desde que o Grupo de estudo, leitura e intervenção em literatura infanto-juvenil na escola organizou o I seminário Lelit de Literatura Infantil e Juvenil, em 2011, com o tema Ler para viver, venho acompanhando assiduamente todos os seminários que acontecem tradicionalmente na Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA. Nestes espaços de formação pude conhecer e construir referenciais intelectuais que determinaram inegavelmente minha subjetividade, especialmente pelas experiências literárias que tive.*

*O Lelit, hoje, representa para mim um lugar de liberdade leitora e de amadurecimento político. Esta possibilidade só é possível, igualmente, porque aí se balizou um projeto socialmente propositivo, intelectualmente engajado e comprometido com a construção de uma racionalidade em liberdade. Pessoalmente, participar do Lelit materializa uma perspectiva de formação intelectual permanente, ligada a um valor construído coletivamente com o grupo que se intensifica e se soma ainda mais com o Movimento por um Brasil Literário.*

*Por ser assim, a cada ano é sempre um esforço gratificante para mim, cortar o país de sul a norte e chegar à Santarém-PA, cidade onde nasci e passei parte da minha vida, para lá viver, discutir e ler literatura e fantasiar outra razão.*

Adriano Lucas da Silva Carvalho – Santareno, Estudante de Letras da Universidade Federal do Paraná – UFPR, Membro do Movimento por um Brasil Literário. Tem 20 anos e mora atualmente em Curitiba.

# Editora Peirópolis comemora 20 anos

Criada em 1994, a Editora Peirópolis completa 20 anos no mercado editorial, tendo como meta na publicação de livros oferecer novas perspectivas para a compreensão do ser humano e do seu papel no planeta, focando temas como ética, cidadania, pluralidade cultural, desenvolvimento social, ecologia e meio ambiente.

Dirigida por Renata Farhat Borges, jornalista, mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e Doutoranda em Ciências da Comunicação pela ECA/USP – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, a Peirópolis já publicou mais de 400 títulos.

Sua qualidade editorial se reflete na preocupação em contribuir para formar leitores e diminuir as distâncias entre a literatura e os jovens, por meio do catálogo de literatura infantil e juvenil, que ganha destaque a cada ano, com títulos de valor reconhecido pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e pelo Programa Nacional Biblioteca na Escola, entre outros. A editora também tem desenvolvido linhas editoriais afinadas com sua missão de reconhecimento da diversidade cultural e dos valores comuns a todas as culturas e tradições, sendo pioneira em coleções dedicadas à cultura indígena, à mitologia africana e ao folclore.

A FNLIJ comemora junto à Peirópolis o sucesso alcançado nessas duas décadas.

## **A PEIRÓPOLIS RECEBEU O PRÊMIO FNLIJ NAS CATEGORIAS:**

**Poesia 2005** *Galeio: antologia poética*, de Francisco Marques (Chico dos Bonecos);

**Imagem Hors-Concours 2006** *O rouxinol e o imperador*, de Hans Christian Andersen, ilustração Taisa Borges;

**Literatura em Língua Portuguesa 2006** *Antologia de poemas portugueses para a juventude*, de Henriqueta Lisboa (organização);

**Literatura em Língua Portuguesa 2008** *Branca-Flor e outros contos*, de Ana de Castro Osório e Bartolomeu Campos de Queirós (organização);

**Poesia Hors-Concours 2009** *O menino poeta: obra completa*, de Henriqueta Lisboa;

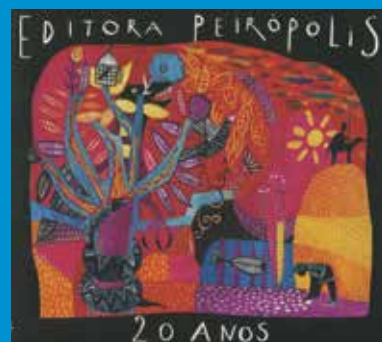
**Literatura em Língua Portuguesa 2011** *Avó, conta outra vez*, de José Jorge Letria;

**Poesia Hors-Concours 2012** *O lenhador*, de Catullo da Paixão Cearense e Francisco Marques (organização);

**Informativo 2012** *Dinos do Brasil*, de Luiz E Anelli;

**Informativo 2013** *Labirintos: parques nacionais*, de Nurit Bensusan

**Informativo e Melhor Projeto Editorial 2014** *Buriti*, de Rubens Matuck.



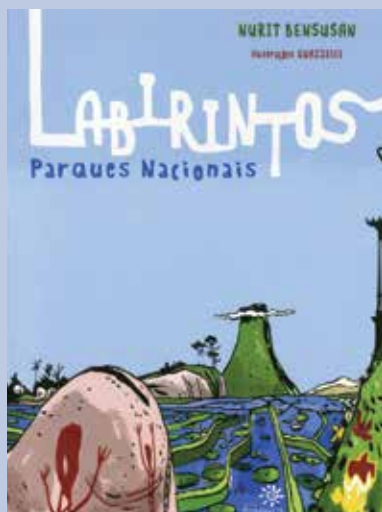
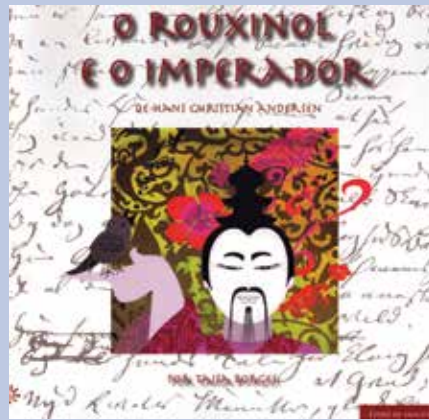
## **Renata Farhat Borges fala um pouco sobre a Peirópolis**

### **Qual o balanço que você faz nesses 20 anos?**

Nesses vinte anos, a Peirópolis se dedicou à construção de um catálogo editorial que expressasse sua visão de mundo, pautada no reconhecimento da diversidade cultural brasileira. Hoje, vemos esse catálogo cada vez mais reconhecido pela sua brasilidade e originalidade, o que nos traz muita alegria. A vida de editor, especialmente editores como nós, de vocação, é extremamente rica porque sempre pautada pelo aprendizado, por trocas e mediações entre criadores e mercadores da cultura, pela possibilidade de interferir em processos de criação de modo a lapidar para o formato livro as aspirações e ideias de cada autor.

### **Qual a importância do catálogo infantil e juvenil para a editora, vocês pretendem continuar a valorizá-lo, aumentando os títulos?**

O catálogo infantil juvenil da Peirópolis se iniciou com a publicação pioneira de livros indígenas escritos pelos representantes dos próprios povos. Isso foi uma grande inovação, e hoje a literatura indígena é reconhecida nas universidades de todo o País e pelo campo literário em si. A Peirópolis procura refletir no catálogo de livros para crianças e jovens as temáticas e abordagens de seu catálogo de não ficção adulto, construído em parceria com organizações da sociedade civil a partir de temas de relevância para o desenvolvimento social brasileiro: educação, inclusão social, diversidade étnico-racial, meio ambiente, protagonismo infantil e juvenil, dentre outros. Por meio da literatura infantil juvenil, especialmente pela escolha dos temas e autores, a Peirópolis vem desenvolvendo uma espécie de "literatura dos afetos", segundo Ana Lucia Brandão, em que esses temas são abordados com sensibilidade e sutileza. Pretendemos prosseguir infinitamente com o propósito de produzir livros de qualidade sobre temas relevantes para a formação e a valorização da cultura da infância.



## 25ª Bienal de Ilustração de Bratislava

A Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ, como seção brasileira do International Board on Books - IBBY, e parceira da Bienal de Ilustração de Bratislava – BIB, tem o prazer de convidar os ilustradores brasileiros de livros para crianças e jovens a participarem da BIB 2015, enviando para FNLIJ seus livros publicados entre 2013 e 2015 para seleção das obras, até o dia 23/02/2015.

A FNLIJ retomou a parceria com a BIB e fará a seleção dos ilustradores e ilustrações. Assim, cada ilustrador selecionado será comunicado pela FNLIJ e deverá enviar seus trabalhos diretamente para a BIB – Bratislava, Eslováquia, até 01/04/2015, arcan-do com os custos de remessa de livros e das artes, bem como o retorno das ilustrações.

### Para participar da seleção, envie seus livros para:

Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ

Assunto: BIB 2015

Rua da Imprensa, 16 – salas 1212 a 1215

20030-120 – Rio de Janeiro - RJ

# 25. BIENÁLE ILUSTRÁČII BRATISLAVA



50. výročie založenia BIB  
50th. anniversary of the founding of BIB

Biennial of Illustrations Bratislava | Slovakia  
Biennale der Illustrationen Bratislava | Slowakei  
Biennial de Ilustraciones Bratislava | Eslovaquia  
Biennale d'illustrations Bratislava | Slovaquie  
Бiеннале иллюстраций Братислава | Словакия

4. 9. – 25. 10. 2015

BIB 2015



### FNLIJ | SEÇÃO BRASILEIRA DO INTERNATIONAL BOARD ON BOOK FOR YOUNG PEOPLE – iBBY

**Mantenedores** Abacate Editorial Ltda; Ação Social Claretiana; Artes e Ofícios Editora Ltda; Associação Brasileira de Editores de Livros; Autêntica Editora Ltda; Berlendis Editores Ltda; Brinque-Book Editora de Livros Ltda; Callis Editora Ltda; Câmara Brasileira do Livro; Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda; Cortez Editora e Livraria Ltda; CosacNaify Edições Ltda; Difusão Cultural do Livro Ltda; Doble Informática Ltda; DSOP Educação Financeira Ltda; Edelbra Indústria Gráfica e Ed Ltda; Edições Escala Educacional Ltda; Edições SM Ltda; Ediouro Publicações S/A; Editora 34 Ltda; Editora Ática S/A; Editora Bertrand Brasil Ltda; Editora Biruta Ltda; Editora Canguru; Editora Dedo de Prosa Ltda; Editora Dimensão Ltda; Editora do Brasil S/A; Editora FTD S/A; Editora GHV Ltda; Editora Globo S/A; Editora Guanabara Koogan Ltda; Editora Iluminuras Ltda; Editora José Olympio Ltda; Editora Lafont Ltada; Editora Lê Ltda; Editora Manole Ltda; Editora Mediação Distribuidora e Livraria; Editora Melhoramentos Ltda; Editora Moderna Ltda; Editora Mundo Jovem 2004 Ltda; Editora Nova Alexandria Ltda; Editora Nova Fronteira Partic. S/A; Editora Original Ltda - EPP; Editora Paz e Terra Ltda; Editora Peirópolis Ltda; Editora Planeta do Brasil Ltda; Editora Positivo Ltda; Editora Projeto Ltda; Editora Pulo do Gato Ltda; Editora Record Ltda; Editora Rideel Ltda; Editora Rocco Ltda; Editora Scipione Ltda; Editora Schwarcz Ltda; Elementar Public.e Edit. Ltda - ME; Florescer Livraria e Editora Ltda; Frase e Efeito e Editorial Ltda; Fund.Cult. Casa Lygia Bojunga; Geração Editorial Ltda; Girassol Brasil Edições Ltda; Global Editora e Distribuidora Ltda; Gráfica Editora Stamppa Ltda; Hedra Educação Ltda; Imperial Novo Milênio Gráfica e Ed.; Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas; Jorge Zahar Editora Ltda; Jujuba Editora; Livros Studio Nobel Ltda; Manati Produções Editoriais Ltda; Marcos Pereira; Martins Editora Livraria Ltda; Mazza Edições Ltda; Meneghetti Gráfica e Editora Ltda; Ozé Editora Ltda EPP; Pallas Editora e Distribuidora Ltda; Pia Soc. Filhas de São Paulo; Pia Sociedade de São Paulo; Pinakothek Arte Ltda; PwC; Publibook Livros Papeis S/A L&PM; Publicação Mercuryo Novo Tempo; RHJ Livros Ltda; Rovelle Edições e Com. de Livros Ltda; Salamandra Editorial Ltda; Saraiva S/A Livreiro e Editores Ltda; Sindicato Nacional dos Editores de Livros; Texto Editores Ltda – Leya; Vergara e Riba Editoras Ltda; Verus Editora Ltda; WMF Martins Fontes Editora Ltda.

**Expediente** Editor: Elizabeth D'Angelo Serra; Jornalista: Cristina Bacelar; Projeto Gráfico e Diagramação: Estúdio Versalete; Impressão: PwC. **Gestão FNLIJ 2014-2017** Conselho Curador: Alfredo Gonçalves, Laura Sandroni, Renata Farhat Borges, Sílvia Negreiros e Wander Soares; Conselho Diretor: Isis Valéria (Presidente), Ana Lígia Medeiros e Marisa de Almeida Borba; Conselho Fiscal: Henrique Luz, Marcos da Veiga Pereira e Regina Lemos; Suplentes: Anna Maria Rennhack, Jorge Carneiro e Regina Bilac Pinto; Conselho Consultivo: Alfredo Weiszflog, Amir Piedade, Annete Baldi, Bernadete Boff, Bia Hetzel, Cristina Warth, Eduardo Portella, Eny Maia, Ione Meloni Nassar, José Alencar Mayrink, José Fernandes Ximenes, Leonardo Chianca, Lília Schwarcz, Lygia Bojunga, Maria Antonieta Antunes Cunha, Mariana Zahar, Paulo Rocco e Sílvia Gandelman; Secretária Geral: Elizabeth D'Angelo Serra.

Apoio



## Meu Continente, na Ilha de Robinson – Imagens Fundadoras no Texto de Daniel Defoe

PARA LUIZ PERCIVAL LEME BRITTO

[...] estamos correndo o perigo de perder uma faculdade humana fundamental: a capacidade de pôr em foco visões de olhos fechados, de fazer brotar cores e formas de um alinhamento de caracteres alfabéticos negros sobre uma página branca, de *pensar por imagens*. Ítalo Calvino.<sup>1</sup>

### I. O Naufrágio

Foi como deve ser. Apertado junto ao peito, lido, relido, guardado, perdido. De pura inércia, meu pai pedindo que fosse ver os livros antes que ele os jogasse fora, e não fui. Hoje, amanhã, depois, aprendi com ele a adiar, deixar para depois o principal, muitas vezes. Era difícil ir a casa deles, minha mãe uma figura de batalha, eu, medo e contenção. Mas foi a inércia que ganhou essa peleja, minha mãe não teve culpa alguma.

Depois de tantos apelos, meu pai jogou fora o *Robinson Crusoe* – ou *Crusoé*, na perspectiva vernácula – de minha infância, lido aos 9 ou 10 anos, companheiro de vida. O arrependimento veio, é claro, como sempre após o ato consumado. Assim como aconteceu com o herói, ter embarcado no navio quando os planos eram outros, e ele se viu enfrentando a tempestade, acontece também conosco, e a tempestade pode vir de leve, os sinais insinuando-se na paisagem, aumentando de tom, impondo-se, violentos. E então mesmo bem preparados já não responsáveis por si, os marinheiros. O duelo entre as forças de um lado e outro, natureza e humanidade, é desigual. Sobreviver ao naufrágio depende apenas de sorte. Clamamos por Deus, é claro. Se nos salvamos atribuímos à intervenção divina. Mas não acusamos Deus caso venhamos a perecer. Talvez não dê tempo, talvez não admitamos essa possibilidade. De toda forma, os que morrem levam consigo os segredos dos últimos momentos de vida.

Pereceram todos os companheiros de Robinson Crusoe, apenas ele resistiu ao naufrágio. O livro em que li as aventuras dele naufragou também como objeto, num mar de papéis usados. Atingida pela clareza de que não teria nunca mais aquele objeto entre as mãos, naufraguei também com Robinson Crusoe.

### II. Um naufrágio

A tempestade abriu um hiato nas férias de janeiro na cidade de praia. Já não chovia forte, e da varanda da casa vimos as pessoas passarem apressadas, no claro indício de que algo acontecia. Um

barco afundava. Seguimos o grupo, cobra desenroscando curiosidade. Vento forte, águas revoltas, o barco ao longe, sobe, desce, aparece, desaparece. Uma desordem da vida, o mundo no rastro de um barco e seus tripulantes. Cada qual escolheu o próprio ponto de observação; ficamos no alto de uma pedra confortável, larga, sem risco de ser lambida pelo mar. O pequeno barco de pescador equilibrava-se do lado de cá da morte, insistia em atravessar o quebra-mar, entrar no consolo da enseada. Luta inglória, desigual, o vento como gato fazendo das ondas um novelo de lã entre as patas; o mar, um tapete enfurecido esquivando-se às tentativas do aspirador de limpá-lo da poeira das vagas. Outro barco saiu para ajudar; com pouco, arrebentou-se nas pedras. Gritos sumidos na boca do vento, mãos cobrindo o rosto, ver fica para sempre, como tatuagem. Expressões sonoras de alívio, não morreram, não morreram os que iam a salvar, largaram o barco a tempo, e, ainda perto da praia, nadaram. Os outros, agora mais sós, perseguidos pela tempestade e pelo mar a brincar de gato e rato com eles. Só podíamos olhar, e olhávamos. Por que olhávamos? Víamos pouco, ventos e ondas, ondas, vento, velas e um casco onde se adivinhavam os homens? Os homens, minúsculos, as mãos obstinadas, a gente podia adivinhar, seguravam a própria vida nas cordas esticadas, os corpos batidos pela violência que o mundo mandava de graça para acabar com eles. E barco e velas nas águas, atentos e infêis. Voltou a chover, os guarda-chuvas se abriram. Outro barco se prepara e lança contra aquele corpo de fúria. As águas – digo águas?, ou digo, pedra, muralha, boca, sugadouro? A grande massa contra a qual lutávamos todos, os homens nos barcos, nós em terra, não desistia de seu intento, abocanhar a carne em seus domínios. Sobe e desce, aparece, desaparece, aparece, desaparece. Desaparece. Teríamos o naufrágio para narrar.

Mas os homens, eles, aparecem, perto do barco-auxílio. A que distância estávamos daquela cena? Mil, dois mil metros? O suficiente para ver uns puxando os outros, trazendo-os para o lado de cá, virando o rumo, dando as costas à força da tormenta, entrando em águas seguras, chegando à praia.

Na praia, desconhecidos se abraçavam, chorava-se em ombro alheio, a vida se fundava, nova, como pedra conquistada no xadrez com a comadre que mora no lado de lá. Voltando para casa, eu acreditava ter assistido ao naufrágio, e estava dentro dele todo o tempo. Estávamos todos.

### III. Algumas imagens

Não recuperei o livro que contava as aventuras de Robinson Crusoe, edição da Melhoramentos, com ilustrações a bico de pena, e dedicatória da professora Maria Cosendey. Para a releitura neste trabalho, tomei dois outros volumes, um exemplar de coleção para jovens e o original em inglês, ao verificar que o primeiro, anunciado como tradução, era na verdade uma adaptação e suprimia uma das passagens vitais do livro de Defoe. Experimentei o mesmo que a menina Ilda no conto *Os Anjos*, da escritora portuguesa Teolinda Gersão:

Folheei o almanaque à procura, para trás e para a frente, várias vezes. Até dar conta de que as páginas estavam arrancadas.

Chorei de raiva, atirei o almanaque à parede como se o atirasse à cara do ladrão – era o MEU almanaque, ele o tinha roubado o que não lhe pertencia. Aos ladrões cabia o fogo do inferno. Fosse padre ou não. [...]

Chorei outra vez de raiva no meu quarto, com o almanaque na mão. Pouco me importava agora quem era Maomé, mas a sua história tinha-me pertencido. Continuava a pertencer-me, apesar de o padre a ter roubado. Porque eu ainda a sabia, verifiquei procurando na memória os pormenores:

A revelação era uma coisa que caía sobre ele, dizia Maomé. Uma coisa que o tocava, como uma palavra ouvida de repente. E depois nada ficava igual. Uma palavra que era como um relâmpago e rasgava uma janela no mundo.<sup>2</sup>

Não importava que as páginas lidas tivessem ido para o lixo, Robinson Crusoe estava dentro de mim. É também isso, a leitura, essa apropriação, a tatuagem de que fala Ana Maria Machado em *Bisa Bia, Bisa Bel*. Certas leituras literárias incorporam-se à memória, misturam-se à biografia de quem lê, e essa constatação permite dizer que o processo de leitura implica em passagem do material ao imaterial. O volume na estante torna-se uma experiência, um saber impregnado no cérebro e depositado nos neurônios. Robinson Crusoe foi minha leitura de infância, este romance que, narrando as aventuras vividas em uma ilha, fez de mim um continente.

*Robinson Crusoe* é considerado um clássico da literatura ocidental e Ítalo Calvino, o teórico que vai nos acompanhar nas reflexões que mesclam a leitura recente com aquela dos nove anos, afirma que deve ser lido por ser “um livro de sólida ossatura moral”, em que “o modo direto e natural com que um costume e uma idéia de vida, uma relação do homem com as coisas e as possibilidades ao alcance de sua mão se exprimem em imagens”<sup>3</sup>

Inspirado nas aventuras de um marinheiro escocês, Alexander Selkirk, encontrado pelo capitão Woodes Rogers na ilha de Juan Fernández, após quatro anos de isolamento, o livro é concebido como forma de o autor ganhar dinheiro em um tempo em que narrativas de piratas e viagens por regiões pouco conhecidas eram chamariz para um público sem exigências de estilo. O escritor Daniel Defoe era um homem que quebrava convenções, envolvia-se em polêmicas, conhecendo mais de uma vez as penalidades legais. Seu herói conheceu a escravidão, a fúria do mar, a enorme solidão e outras encrencas do mesmo porte, por

abrigar em seu caráter traços presentes na vida de seu criador. Crusoe é um ser movido a impulsos e desejo de uma existência sem previsão de monotonia, que vai levá-lo a viver por “vinte e oito anos, dois meses e dezenove dias”<sup>4</sup> longe da civilização. O longo título original serve de resumo da obra:

*A vida e as estranhas e surpreendentes aventuras de Robinson Crusoe de York, marinheiro, que viveu vinte e oito anos completamente sozinho numa ilha deserta nas costas da América, próximo à foz do grande rio Orinoco, tendo sido lançado à costa por um naufrágio, no qual todos pereceram menos ele, com um relatório sobre o modo pelo qual foi enfim também estranhamente libertado pelos piratas; escrito por ele mesmo.* Lia-se no frontispício da primeira edição do Robinson Crusoe, publicada em Londres, em 1719, por um editor popular: W. Taylor. Não aparecia o nome do autor, pois se devia considerá-lo um verdadeiro livro de memórias escritas pelo naufrago.<sup>5</sup>

Devo ter lido o livro na copa de nossa casa, na verdade um quarto adaptado à função. Talvez no quarto de empregada, no pavimento inferior, de porta para o quintal da evasão. Recupero a casa, hoje bem transformada, recupero as sensações de leitura, as imagens e o espanto que ficaram. O isolamento não me incomodava, solitária eu mesma, afastada do bulício comum pela leitura. Mas fazer um mundo, construir tudo o que é necessário para viver com as próprias mãos, da casa às panelas, lavar o campo, levantar a fortaleza, isso me arrebatava, isso terá fundado em mim – ou reforçado – a resistência aos naufrágios.

Minuciosas até o exagero são as descrições das operações manuais de Robinson: como ele escava a casa na rocha, cerca-a com uma paliçada, constrói um barco que depois não consegue transportar até o mar, aprende a modelar e a cozer vasos e tijolos. [...] Defoe chegou até nós como o poeta da paciente luta do homem com a matéria, da humildade e grandeza do fazer, da alegria de ver nascer as coisas de nossas mãos.<sup>6</sup>

Robinson apresentou-se para mim como um demiurgo das tarefas cotidianas, artífice da passagem da natureza à cultura. Exerceu sobre mim o fascínio do *homo faber*, eu, inábil com as mãos para tarefas que não fossem o escrever ou as atividades domésticas básicas. Em sua “paciente luta do homem com a matéria”, Robinson modelou a realidade à sua volta, autêntico protótipo do colonizador europeu na América. Nunca esperaria, como eu, que uma fada viesse passar a roupa para aliviar a carga de uma doméstica entediada e comprovar à menina de sete anos os poderes do maravilhoso. Como observa Calvino, uma das razões para que o livro seja relido é a “renúncia, em poucas frases, nos momentos cruciais, a todo excesso de auto-compaixão ou de júbilo para passar às questões práticas”<sup>7</sup>, na melhor perspectiva estoica. A ética da resistência, do trabalho, do capital sustentam a solidão. O tempo é tomado pelo trabalho, pela exploração da ilha, pela leitura – trouxera do barco “três Bíblias que recebera da Inglaterra e levava comigo, ao partir do Brasil, três livros portugueses e dois devocionários”<sup>8</sup>, alguma escrita e o exame da própria situação.

#### IV. As imagens

A imagem é “representação, reprodução ou imitação da forma de uma pessoa ou de um objeto”.<sup>9</sup> O ser humano vidente tem o cérebro povoado de imagens de qualidades variadas. Os olhos percebem, o cérebro registra e armazena, deixando disponível para circulação uma quantidade enorme dessas representações, vitais no processo de pensar, na medida em que as imagens estabelecem referências, que estruturam cadeias conceituais. A imagem do rio Tapajós pode acionar as ideias de sistema hídrico, nutrição, harmonia, eletricidade, lucro, exploração, recursos, vigor, veemência, como vejo no anúncio de uma caravana de resistência aos projetos hidrelétricos na Amazônia.<sup>10</sup> Para mim, evoca os igarapés, a experiência mais arrebatadora que já vivi em termos de águas. Evoca também a luta, sempre necessária, em todos os tempos, para escapar à apropriação indevida, à corrupção, à mentira.

Para além do reconhecimento imediato, uma imagem é um lugar onde o eu se instala para se reconhecer, sonhar, ser, intervir. Muito longe de ser uma definição desvinculada do real, aí se patenteia a condição do humano como ser simbólico, cuja relação com o real mede a intermediação daquilo “que, por convenção ou por princípio de analogia formal ou de outra natureza, substitui ou sugere algo”.<sup>11</sup> Para assimilação pelo humano, o real necessita do símbolo, o símbolo se firma na imagem.

A literatura gera imagens para o leitor. Representação artística do real, as descrições presentes nos textos constituem-se em imagens que permitem ao leitor acompanhar a sequência da narrativa. A visibilidade, enquanto característica fundamental da literatura, é um dos princípios a ser preservado neste milênio, segundo as reflexões de Ítalo Calvino, para quem há “dois tipos de processos imaginativos: o que parte da palavra para chegar à imagem visiva e o que parte da imagem visiva para chegar à expressão verbal”.<sup>12</sup> O primeiro deles está presente na leitura, capaz de propiciar um autêntico cinema mental, lembrando ainda que o cinema ele mesmo passa antes pelo escrito, por um roteiro, que impõe seleção de imagens: “uma câmera na mão, uma ideia na cabeça”, dizia Glauber Rocha, em frase por ele atribuída ao também cineasta Paulo César Saraceni.<sup>13</sup>

Em seu percurso conceitual, Calvino avalia a importância do processo de imaginação visiva e exemplifica com santo Inácio de Loyola, que, em seus *Exercícios Espirituais*, aconselha o fiel a ancorar o pensamento em imagens visuais. Ver com os olhos da imaginação é, para ele, via de avesso ao conhecimentos dos significados profundos.

Mas de onde provém a imaginação, essa faculdade de fechar os olhos, deixar correr o cinema mental ativo em cada um de nós? Calvino considera que é em um ensaio de Starobinski, “O império do imaginário”, que o tema é melhor tratado. A imaginação como comunicação com a alma do mundo, fundamentada na concepção da magia renascentista, proveniente de matriz neoplatônica, retomada pelo Romantismo e Surrealismo, alimenta a teoria dos arquétipos e inconsciente coletivo de Jung, e contrasta com a concepção de comunicação como instrumento de saber, em que a imaginação, ainda que não siga os caminhos do pensamento científico, pode coexistir com ele, sendo necessária

e benéfica à sua formulação.

Na observação do segundo processo imaginativo, o que parte da imagem visiva para chegar à expressão verbal, Calvino decide caminhar por sua obra, examinar o processo de escrita de alguns de seus contos, em que partiu de uma imagem carregada de significado, por vezes ainda obscuros para expressão, e que se agregaram a outras imagens, desenvolvendo suas potencialidades implícitas, “o conto que trazem dentro de si”.<sup>14</sup>

Podemos fazer uma parada para capturar esse ponto capital do processo de criação, a transmissão dada em palavras de uma imagem original do autor. As palavras, impregnando a percepção e consciência do leitor, facilitam recriar imagens semelhantes ou não, gerar outras inteiramente originais, evocando o repertório individual, cruzando referências.

Uma vez presente a imagem, o passo seguinte para Calvino é submeter a imagem à escrita ou também, conforme chama, à tradução em palavras, que se impõe como guia à imaginação visual. A linguagem confere o fluxo determinante, decide as imagens a serem incorporadas à narrativa. Em processo que procura unificar a “geração espontânea das imagens e a intencionalidade do pensamento discursivo”,<sup>15</sup> Calvino reconhece que, acatando as duas posições estabelecidas por Starobinski, isto é, a imaginação concebida como instrumento do saber ou como comunicação com a alma do mundo, adota por fim a posição que concebe a imaginação como repertório do potencial, circunscrito à noção de Giordano Bruno, de *spiritus phantasticus*, de “mundo ou receptáculo, jamais saturado, de formas e de imagens”.<sup>16</sup>

Debruçados, então, às bordas do infinito? É isso mesmo? Mas não é onde sempre estamos, no trabalho com a arte ou com a educação? Que previsibilidade, que contorno prévio garante a obra ou o discente que encontraremos? Nossa face no espelho, quem garante que formas tomará, a cada manhã?

Leitores, leitoras de literatura devemos estar abertas às propostas de Calvino, em que toda forma de conhecimento deve atingir esse golfo de multiplicidade potencial.

A mente do poeta, bem como o espírito do cientista em certos momentos decisivos, funcionam segundo um processo de associação de imagens que é o sistema mais rápido de coordenar e escolher entre as formas infinitas do possível e do impossível. A fantasia é uma espécie de máquina eletrônica que leva em conta todas as combinações possíveis e escolhe as que obedecem a um fim, ou que simplesmente são as mais interessantes, agradáveis ou divertidas.<sup>17</sup>

O escritor termina seu artigo com uma advertência, uma sugestão. A advertência é a de que resta pouco espaço para a imaginação individual, na civilização da imagem. Somos sufocados por imagens estereotipadas, determinantes nos padrões que estabelecem. Ao atender a essas imposições, corremos o risco de perder uma faculdade humana fundamental, a de *pensar* por imagens. Se acompanhamos bem o raciocínio aqui desenvolvido, temos clara ideia do que está em jogo, do que perderemos. A recomendação de Calvino, de alimentar-se uma pedagogia da imaginação, é por ele considerada difícil e válida apenas de forma individual.



Palestra pronunciada no IV Seminário Lelit (Grupo Leitura, Estudo e Intervenção em Literatura Infantil e Escola) da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa), Santarém, a 4 de novembro de 2014, atendendo ao tema *As imagens que o texto faz*.

Nilma Lacerda é professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, pesquisadora em leitura e escrita e especialista em literatura para crianças e jovens, com inúmeros artigos científicos publicados, além de livros de literatura infantil e juvenil premiados.

## Notas

<sup>1</sup> CALVINO, 1990, p. 107-8.

<sup>2</sup> GERSÃO, 2000, p. 40.

<sup>3</sup> CALVINO, 2007, p. 105.

<sup>4</sup> DEFOE, 1972, p. 145.

<sup>5</sup> CALVINO, 2007, p. 104.

<sup>6</sup> CALVINO, 2007, p. 107.

<sup>7</sup> CALVINO, 2007, p. 107.

<sup>8</sup> DEFOE, 1972, p. 39.

<sup>9</sup> HOUAISS, 2009.

<sup>10</sup> <http://jotaparente.blogspot.com.br/2014/09/sao-luiz-do-tapajos-vai-ser-palco-de-um.html>

<sup>11</sup> HOUAISS, 2009

<sup>12</sup> CALVINO, 1990, p. 99.

<sup>13</sup> Segundo declaração de Glauber Rocha, Saraceni é o verdadeiro autor da frase: "Uma idéia na cabeça e uma câmera na mão". In: [http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/paulo\\_cesar\\_saraceni](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/paulo_cesar_saraceni)

Acesso em 3/11/2014.

<sup>14</sup> CALVINO, 1990, p. 104.

<sup>15</sup> CALVINO, 1990, p. 106.

<sup>16</sup> *Idem*, p. 107.

<sup>17</sup> CALVINO, 1990, p. 107.

<sup>18</sup> CALVINO, 1990, p. 97.

<sup>19</sup> *Ibidem*.

<sup>20</sup> ECO, 2003, p. 21.

<sup>21</sup> CALVINO, *idem*, p. 11.

<sup>22</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. p. 3-4.

## V. As imagens, desde e até

Robinson Crusoe me trouxe imagens presentes que me alimentaram a vida. Os vários naufrágios descritos não me impressionaram muito. Mas as imagens do fazer de Robinson, a transformação do inóspito no familiar, a descoberta de pegadas humanas na ilha, o surgimento de Sexta-feira, os versículos da Bíblia a sustentá-lo nos momentos extremos de solidão e desespero foram essas as imagens que alcançaram uma impressão duradoura. O diálogo com Calvino me permite a constatação de que elas passaram de imagens físicas, bem ancoradas nas areias fundas da mente, a imagens mentais, já não necessitadas de âncoras, por transitarem leves, integradas à minha consciência, sendo parte de minha fantasia.

Não desenvolvi em mim a *muliere faber*, mas operacionalizei meu cotidiano a partir das ferramentas que me eram mais necessárias, construí a fé em mim, a certeza da sucessão dos dias, da sobrevivência às intempéries.

Invoca-me no dia da tua aflição,  
Eu te aliviarei e tu me glorificarás.

Os versículos da Bíblia, repetidos várias vezes na edição da Melhoramentos, e sequestrados da adaptação de Vera Veloso da editora Abril, estão comigo, mesmo agora que me tomo por agnóstica. Herege, eu escolho, e escolho o caminho da literatura, aberto pela solidão e desamparo humano, que criam a alta fantasia.

Vou ao início do capítulo da Visibilidade, para organizar bem essa reflexão final:

"Há um verso de Dante no "Purgatório" (XVII, 25) que diz: Chove dentro da alta fantasia. Minha conferência de hoje partirá desta constatação: a fantasia, o sonho, a imaginação é um lugar dentro do qual chove."<sup>18</sup> Para Dante, homem do seu tempo, "essas imagens chovem do céu, ou seja, [...] é Deus quem as envia"<sup>19</sup>

A literatura, como diz Umberto Eco, ensina a morrer por ensinar a viver antes de morrer<sup>20</sup>, e há coisas que só a literatura com seus meios específicos pode nos dar.<sup>21</sup> O poeta Drummond descobre adulto as verdades da infância: a história dele é mais bonita que a de Robinson Crusoe.<sup>22</sup> Partilha esse saber experimentado na vida com seu leitor: cada vida pessoal é sempre mais bela que a de qualquer personagem, e como o personagem escolhido pelo poeta para a comparação, é feita de luta, labor, ética. Crusoe permanece imortal na literatura, convidando a leitora ao naufrágio para encorajar a visita à cabana dele, à fortaleza, à ilha, ao continente capaz de ser forjado por cada um, em meio ao abandono e à solidão.

## Referências

ANDRADE, Carlos Drummond. Infância. In: \_\_\_\_\_. *Reunião: 10 livros de poesia*. Introd. Antônio Houaiss.

Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

\_\_\_\_\_. CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. Trad. Ivo Barroso. São Paulo:

Companhia das Letras, 1990.

ECO, Umberto. *Sobre a literatura*. 2. ed. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2003.

DEFOE, Daniel. *Robinson Crusoe*. London: Penguin Books, 1985.

\_\_\_\_\_. *Robinson Crusoe*. Trad. [e adapt.] Vera Veloso. Il. Walter Hüne. São Paulo: Abril, 1972 (Clássicos da Literatura Juvenil)

HOUAISS, Antonio. *Houaiss eletrônico*. Versão 1.0 Monusuário. Dicionário 2009.



ENCARTE NOTÍCIAS 01 | JANEIRO 2015

FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO  
INFANTIL E JUVENIL

Responsável: Elizabeth D'Angelo Serra